Teses características do partido

Reunião de Florença de 8-9 de dezembro de 1951 do Partido Comunista Internacionalista – Programa Comunista

Introdução

O texto que segue é uma cópia digitalizada de uma rara brochura em língua portuguesa (de Portugal), publicada em 1974, contendo o texto das teses expostas na reunião de Florença de 8-9 de dezembro de 1951 do *Partito Comunista Internazionalista – Programma Comunista* (Partido Comunista Internacionalista – Programa Comunista). O relatório dessa reunião apareceu na forma de uma sinopse de parte das teses no fascículo *Sul Filo del tempo* (No Fio do Tempo) de maio de 1953, e integralmente pela primeira vez no periódico *Il Programma Comunista*, n. 16 de 8 de setembro de 1962. Na brochura em português, a apresentação do texto não é a mesma da apresentação das teses de *Il Programma Comunista* de 1962[1], se bem que retome parte dela.

Embora o curso da contrarrevolução mundial que se abateu sobre a classe proletária desde a segunda metade dos anos 1920[2] não tenha sido alterado em nada, na esperança de uma retomada de uma fase revolucionária como no primeiro pós-guerra[3], um agrupamento de militantes da Esquerda Comunista da Itália (ligada principalmente a Onorato Damen[4]), em contato com elementos franceses e belgas, funda no ano de 1943 o *Partito Comunista Internazionalista* (Partido Comunista Internacionalista - PCInt). O partido publica o periódico *Battaglia Comunista* (1945) e o órgão teórico *Prometeo* (1946)[5].

No entanto, a corrente da Esquerda Comunista da Itália ligada a Bordiga (expulso do PC da Itália em 1930 por ter defendido Trotsky), embora tenha tirado as lições dos acontecimentos que desembocaram na contrarrevolução e julgasse que a constituição do partido era prematura, e, portanto, que se devia preservar as poucas energias do proletariado para não cair no ativismo imediatista, acaba aceitando com reservas o PCInt como uma expressão real do movimento que ainda mantinha alguma ligação com o programa comunista e não podia ser ignorada. Bordiga mantém-se fora do partido até 1949, embora enviasse contribuições teóricas de modo anônimo às suas publicações.

O PCInt conheceu uma progressão significativa nos meios operários dos centros industriais, sobretudo, no norte da Itália, embora pouco significativa na França. Entretanto, a ausência do relançamento do esperado movimento revolucionário acabou precipitando a emergência de duas

[1] O texto de *Programma Comunista* tem duas partes: uma apresentação das teses - *Il corpo delle tesi caratteristiche del nostro Partito e de l'adesione ad esso di tutti i suoi militanti* (O corpo das teses características do nosso Partido e da adesão a ele de todos os seus militantes); e as teses propriamente ditas - *Punti base di adesione per l'organizzazione* (Pontos basilares da adesão à organização).

[2] Há 90 anos a classe proletária mundial está mergulhada na mais negra contrarrevolução de sua história, desde a derrocada da revolução proletária na Rússia em meados dos anos 1920 e na China em 1927, cuja consequência foi tornar seu partido de classe, a Internacional Comunista, a partir de então e até sua dissolução em 1943, um instrumento do PC russo e da política do Estado russo que aí edificava o capitalismo.

[3] Em plena guerra e sob forte repressão, em novembro de 1941 tem início uma onda de greves na Alemanha. Em outubro de 1942 desencadeia-se uma greve geral na Fiat em Turim (a segunda maior concentração operária na Itália na época), seguida em março de 1943 de greves de massa nos setores da metalurgia, indústrias alimentares e químicas.

[4] Onorato Damen (1893-1979), um dos expoentes da Esquerda Comunista da Itália desde seus primórdios, ao lado de Amadeo Bordiga (1889-1970), Ottorino Perrone (1897-1957) e outros.

[5] Um resumo da trajetória da Esquerda Comunista da Itália, redigido em 1977, encontra-se em nossa publicação *Quem é Robin Goodfellow* (2014), disponível neste blog e em nosso site em português (www.robingoodfellow.info).

correntes opostas: uma agrupada em torno de Damen, de tendência voluntarista (organização de "grupos comunistas de fábrica" rejeitando os sindicatos, exigência da revisão da teoria que não havia previsto os "novos" fenômenos que ocorriam na Rússia...), e outra alinhada a Bordiga, que mostrava que não havia uma retomada revolucionária e, portanto, o trabalho do partido deveria ser prioritariamente teórico e pela formação de quadros futuros. A clivagem entre as duas correntes se aprofundou com a entrada de Bordiga no PCInt em 1949. Em 1952 consuma-se a cisão entre essas correntes, ambas reivindicando a linhagem da Esquerda Comunista italiana sob o mesmo nome de *Partito Comunista Internazionalista*: a tendência de Damen mantendo os órgãos *Prometeo* e *Battaglia Comunista* (*Partito Comunista Internazionalista – Battaglia Comunista)* e a tendência de Bordiga, que passa a publicar o periódico *Il Programma Comunista* (*Partito Comunista Internazionalista – Programma Comunista).*

As *Teses Características do Partido* de 1951 demarcam a posição da corrente reunida em torno de Bordiga fornecendo as bases para a cisão de 1952, provendo as diretivas do programa e da ação do partido comunista, estabelecendo as bases necessárias para a organização e a adesão ao partido, e sintetizando a transmissão da experiência revolucionária às novas gerações para a formalização do verdadeiro partido de classe em escala mundial.

Contudo, sob a pressão da contrarrevolução, o *Partito Comunista Internazionalista – Programma Comunista* acaba por abandonar as posições originais da Esquerda Comunista da Itália que ocupou a direção do Partido Comunista da Itália como corrente majoritária desde sua fundação em Livorno em 1921 até 1923-1924[6]. *Programma Comunista* acaba sucumbindo ao revisionismo, degenerando-se cada vez mais, especialmente a partir dos anos 1960, e espatifando-se em várias organizações que reivindicam o legado da Esquerda Comunista da Itália. O órgão que publicou a versão em português das Teses de 1951, o *Partito Comunista Internazionale* (Partido Comunista Internacional - PCi), já em plena fase degenerada, foi a fração que reclama ser a "herdeira oficial" do *Partito Comunista Internazionalista – Programma Comunista*, o qual mudou de nome após a cisão provocada pela corrente *Rivoluzione Comunista* em 1964 autoproclamada também de *Partito Comunista Internazionalista.*

A decomposição do PCi levou-o ao abandono completo do esforço teórico – especialmente em relação à previsão do relançamento da revolução proletária mundial[7] - e ao ativismo. Uma das consequências importantes foi a cisão de 1966, no ramo francês do partido, de duas correntes críticas ao ativismo reinante: a de Jacques Camatte – publicando a revista *Invariance* (Invariância) – e a de Roger Dangeville – publicando a revista *Le Fil du Temps* (O Fio do Tempo). *Invariance,* a fração mais consequente, manteve cegamente a previsão da alternativa "guerra ou revolução" para 1975 sem proceder a um trabalho de retorno teórico à análise dos ciclos e crises apoiando-se nos textos de Marx e Engels, e sucumbiu completamente à contrarrevolução. Em 1976, após uma breve passagem pelo *Groupe Communiste Mondial* (que se situava na continuidade de *Invariance*), um pequeno

[6] Nessa data, seus principais dirigentes foram aprisionados pelos fascistas. Com a involução da revolução proletária em nível mundial e a vitória da teoria do "socialismo em um só país" no XIV Congresso do PCUS em 1925, no Congresso de Lyon (França) de 1926, realizado na clandestinidade, a Esquerda perde a direção para a corrente centrista pró-Moscou: Gramsci obteve 91% dos votos.

[7] Em 1957, Bordiga na sua brochura *Dialogato coi morti* (Diálogo com os mortos) teorizou a previsão de uma "crise catastrófica" do modo de produção capitalista para 1975, que levaria à alternativa: guerra mundial ou revolução comunista. Baseado mecanicamente num ciclo de 10 anos, o PCi previa uma grave crise para 1965 que colocaria a perspectiva do agrupamento dos primeiros núcleos do partido comunista mundial.

núcleo de militantes publica a revista teórica *Communisme ou Civilisation* (Comunismo ou Civilização), que no essencial constituem ainda nosso órgão coletivo *Robin Goodfellow*.

Em suma, a corrente agrupada em torno de Bordiga, verdadeiramente internacionalista e que por um bom período, mesmo sendo uma expressão limitada do socialismo científico, isto é, da teoria comunista, soube defender a atualidade do programa comunista frente às falsificações realizadas pelos estalinistas, trotskistas e esquerdistas de vários matizes, acabou soçobrando ao peso desta contrarrevolução que ainda perdura, abandonando de vez o ponto de vista classista do programa comunista.

Robin Goodfellow, abril de 2017

os textos do
partido comunista internacional

1

TESES CARACTERÍSTICAS DO PARTIDO : BASES DE ADESÃO

edições programme communiste

O QUE DISTINGUE NOSSO PARTIDO

- a linha que vai de Marx a Lênin, à constituição do Partido Comunista da Itália em Livorno em 1921, à luta da esquerda contra as degenerações de Moscou, ao rechaço das Frentes Populares e dos blocos de partisans;

- a dura obra de restauração da doutrina e do órgão revolucionário, em contato com a classe operária, fora da politicagem pessoal e eleitoreira.

I N D I C E

APRESENTAÇÃO	pg	1
CORPO DE TESES CARACTERÍSTICAS DO NOSSO PARTIDO E DA ADESÃO A ÊLE DE TODOS OS SEUS MILITANTES	"	7
PARTE I - Teoria	"	9
PARTE II - Tarefa do partido comunista	"	12
PARTE III - Vagas históricas de degeneração oportunista	"	15
PARTE IV - Ação do partido na Itália e outros países	"	31

A P R E S E N T A Ç Ã O

O texto que aqui publicamos, O corpo das teses características do nosso partido e da adesão a êle de todos os seus militantes, é aquêle da exposição realizada na reunião de Florença de 8-9 de dezembro de 1951. O objetivo a que êle se propunha era o de prover a nossa organização de claras diretivas de programa e de ação que a permitissem continuar a batalha gloriosa e inflexìvelmente travada pela Esquerda Comunista na linha invariante da doutrina marxista.

Esta batalha remonta aos anos anteriores à primeira guerra, quando a Esquerda defendeu vigorosamente o programa integral do marxismo revolucionário contra o minimalismo e a política reformista dos blocos eleitorais, como também contra o centrismo, a forma objetivamente mais perigosa do oportunismo, quando carregou contra as justificações invocadas pelos partidários da intervenção italiana na guerra para prepararem a sua deserção com armas e bagagens para o campo da defesa da pátria e da união sagrada na guerra imperialista.

Durante a primeira matança mundial, a Esquerda se alinhou na mesma frente que Lênin em Zimmerwald e Kienthal; ela foi a única que, na Itália, aderiu ao programa e à ação prática dos bolcheviques vitoriosos na Rússia opondo-se ao verdadeiro centrismo dos chamados "maximalistas", e não o fêz -como frequentemente aconteceu- levada pela vaga de entusiasmos tão confusos como contingentes, mas sim pela total concordância na visão dos fins e dos meios da revolução proletária. À paz dos burgueses e seus lacaios, ela contrapôs a perspectiva mundial da luta pelo poder político e pela ditadura comunista, perspectiva esta cuja condição primeira era, para a Esquerda Comunista, a constituição do partido revolucionário de classe em todos os países sôbre as bases programáticas da III Internacional. Por conseguinte, no verdadeiro congresso constitutivo da Internacional Comunista (o II Congresso, em Moscou, 1920), foi imediata a sua convergência com as posições dos bolcheviques e de Lênin sôbre todos os pontos fundamentais: papel do partido comunista na revolução proletária e no exercício da ditadura; condições de admissão à Internacional Comunista (que a Esquerda tinha querido fôssem mais drásticas e mais vinculadoras para todos os partidos, excluindo tôda possível escapatória devida a "condições especiais"); condições para a formação dos Sovietes; questões nacional-colonial, sindical e agrária. Deve-se notar que a divergência sôbre o "parlamentarismo revolucionário" não concernia a avaliação, idêntica em Lênin e na Esquerda "abstencionista" italiana, do papel (sempre contra-revolu-

cionário) das instituições parlamentares e da necessidade reconhecida de abatê-las: ela concernia, sim, a apreciação dos reflexos que o emprêgo desta tática teria sôbre a preparação revolucionária do proletariado nos países de capitalismo avançado, isto é, em estado de avançada putrefação, países em que a tradição democrática, parlamentar e eleitoralista impregnava os velhos partidos operários e atuava como meio poderoso para desviar e corromper amplas camadas de trabalhadores. A Esquerda considerou esta tática como totalmente inadequada para tais países, a experiência histórica vindo a confirmar tràgicamente êste seu juízo.

Em janeiro de 1921, a Esquerda comunista pôde fundar o Partido Comunista da Itália, seção da Internacional Comunista, e o fêz sôbre as mesmas bases programáticas que o leitor encontrará reproduzidas na Parte I do texto que ora lhe apresentamos como bases programáticas do Partido Comunista Internacional, estando acrescentados ao programa de Livórnio apenas os quatro pontos finais, que não representam nenhum "descobrimento" ou "inovação", mas sim a reiteração de temas frequentemente agitados pela Esquerda Comunista no seio da Internacional de Moscou. Enquanto se desencadeava contra os trabalhadores a ofensiva fascista, a Esquerda pôde dirigir êste partido com uma homogeneidade exemplar de ação prática e de rigorosíssima aderência desta ação às finalidades últimas do movimento. Já desde então, e em todos os anos seguintes, deu o grito de alarma sôbre os primeiros (e, depois, cada vez mais acentuados) sintomas de que a Internacional se desviava das sadias linhas diretivas dos anos 1919-21: a análise dêste processo desviacionista, que terminou num abandôno e renegação totais das bases programáticas sôbre as quais a IC se erigira e que a levou a naufragar na lama de um oportunismo ainda mais infame e deletério que aquêle no qual se atolou a II Internacional, é exposta na Parte III, "Vagas históricas de degeneração oportunista".

Atravessando sem extraviar-se os vinte anos tormentosos que vão da vitória do stalinismo, consagrada pela famigerada teoria do "socialismo num só país", ao fim da segunda guerra, a Esquerda pôde empenhar-se na luta para a reconstituição do partido de classe, imolado no altar da colaboração de classes pela contra-revolução triunfante. E como tal reconstituição só pode se dar sôbre claras bases doutrinais e programáticas, entregamo-nos à árdua tarefa de restaurar a teoria do marxismo revolucionário totalmente desfigurado pela devastadora vaga oportunista. As condições históricas extremamente desfavoráveis em que êste trabalho fundamental se desenvolveu não serviram, para nós, de pretexto para abandonar, revisar ou atualizar a doutrina marxista, em busca de um caminho mais curto ou do sucesso fácil. Ao contrário, reivindicamos com tôda fôrça a invariância da teoria marxista, cujos princípios imutáveis, já estabelecidos definitiva e completamente no

Manifesto Comunista de 1848, longe de serem desmentidos pelos fatos, longe de serem insuficientes para explicar as vicissitudes dêstes tempos infames, são por êles plenamente confirmados. Sabedor de que o pêso tremendo da contra-revolução e as condições abertas pela segunda carnificina imperialista condenavam o movimento proletário revolucionário a um longo período de letargia, da qual nenhum expediente, nenhuma fórmula, nenhuma ação exemplar, nenhuma vontade (nem mesmo de partido) poderiam arrancá-lo -é o próprio desenvolvimento contraditório do capitalismo, ditado pelas leis inexoráveis da sua economia, que lançará a classe dos sem-reserva na arena histórica-, o partido, reivindicando a inteira linha histórica da batalha pela preparação da futura retomada revolucionária e, portanto, a invariância das suas tarefas, encetou êste infatigável trabalho de reproposição integral da teoria revolucionária sem dêle esperar nenhum sucesso imediato. Tal trabalho nada tem de intelectualista ou de academicista, mas é uma das frentes constantes (ainda hoje, dias de contra-revolução, a frente principal) da batalha histórica do proletariado contra seu mortal inimigo burguês e tôda a sua corte de lacaios em diferentes librés.

Evidentemente, tal trabalho não podia ser, nem nunca foi e será, separado, na teoria como na prática, do esfôrço constante não só de difundir as nossas posições teóricas e programáticas, como também de "importá-las" (como na clássica definição de Lênin) na classe operária, e de intervir em suas lutas, mesmo que por objetivos imediatos e contingentes, nunca fazendo do partido, por pequeno que êle possa ser numèricamente, uma academia de pensadores, um cenáculo de iluminados, uma seita de conspiradores armados de uma bagagem inestimável, mas ignorada por todos os não-iniciados.

Nesta sólida e corajosa aderência à doutrina invariante, confirmada e tornada ainda mais afiada pelo balanço histórico das lutas proletárias e das suas derrotas (as "lições das contra-revoluções", como as chamamos utilizando uma clássica expressão marxista), nunca separada do esfôrço quotidiano de ligar-se a uma camada crescente de trabalhadores, esteve sempre a nossa fôrça, e é ela que explica não só a nossa sobrevivência num dos mais negros períodos de recuo do movimento operário, como também a delimitação sempre mais precisa das inalteráveis fronteiras da nossa doutrina e do nosso programa e a irradiação internacional dêstes. É sôbre estas mesmas bases em que se assenta nosso movimento, e nas quais princípios-programa-tática-organização formam um todo uno e homogêneo, que o proletariado deverá reconstituir-se internacionalmente em partido, realizando a soldagem entre partido histórico e partido formal, isto é, entre a consciência teórica dos problemas do mundo natural e do curso histórico que vai da sociedade comunista primitiva à sociedade

sem classes futura e o movimento real do proletariado. Sôbre estas mesmas bases, porque elas representam o acúmulo da experiência histórica do proletariado, o balanço desta experiência resultante de uma luta mais que secular da classe trabalhadora por sua emancipação, que indicam ao proletariado internacional o justo caminho a percorrer e que, pondo à luz os êrros, as hesitações, os desvios cometidos, lhe permitem liberar-se da necessidade de sempre recomeçá-lo.

As "Teses características" condensam de forma lapidar êste balanço, assumindo, poristo mesmo, o caráter de base vinculatória ao nosso partido, donde serem subintituladas "Bases de adesão". E precisamente porque a teoria revolucionária forma um todo compacto e invariante, não se podendo rejeitar uma só das suas partes sem com isso rejeitá-la por inteiro, devendo pois ser aceita em bloco, o corpo de teses deve ser assim aceito, ficando fora do partido quem não aceitar mesmo que uma só delas.

Para que dêste texto fundamental possa-se tirar o máximo proveito, assinalaremos, brevemente, os pontos mais importantes do mesmo.

O texto se divide em quatro partes. A Parte I, Teoria, limita-se a uma breve enunciação, completada com o texto do programa do partido, que é o programa de Livórnio de 1921 inteirado por alguns pontos por nós inseridos no segundo após-guerra, sem nada mudar.

A Parte II, Tarefa do partido comunista, desenvolve pontos de princípio comuns a todos os tempos e a todos os países.

A Parte III, Vagas históricas de degeneração oportunista, discute os desvios em relação à linha revolucionária até os ruinosos desvios da Terceira Internacional.

A Parte IV, Ação do partido na Itália e outros países, referia-se (e refere-se ainda perfeitamente, após tantos anos) à nossa atividade prática, tão séria e tenaz quão pouco ruidosa e publicitária.

O texto tem valor normativo tanto no trabalho interno, na propaganda e no proselitismo, quanto na luta contra os adversários, entre os quais a Esquerda, apoiada em longa experiência, considera como mais perigosos os que se pretendem mais próximos de nós. Sublinhemos alguns temas (Para a discussão de cada tema, releia-se o ponto e veja-se nos nossos textos as múltiplas exposições).

Na Parte II: no ponto 3 é reafirmada a nossa tese-base de que a ditadura revolucionária é ditadura do partido político comunista - e quem se envergonha disto,

já se pôs de fora. No ponto 4, não só é reivindicada a invariância doutrinal, como é também afirmada a nossa intervenção em tôdas as lutas proletárias por interêsses imediatos. No ponto 6, enquanto tôda teoria sindicalista é condenada, é afirmada a necessidade da presença e da penetração do partido nas organizações econômicas de classe, com uma camada geral sindical comunista como condição não só da vitória final como também de todo avanço e sucesso. No ponto 7 isto é reafirmado, e se condena a concepção limitada e local das lutas econômicas, concepção essa tão cara aos traidores.

Na Parte III: nos pontos 9 e 10 é afirmada a visão leninista da ação dos povos de côr e do apôio a todo movimento violento armado contra os poderes atrasados locais e os colonos brancos, ponto desenvolvido a fundo na reunião de Trieste sôbre os Fatôres de raça e de nação na teoria marxista, e em outras reuniões. No ponto 18 é afirmada, para a Itália, não só a condenação do bloco anti-fascista, como também a do movimento armado anti-alemão dos partisans. No ponto 20 é estabelecida a nossa tese central de que a terceira vaga de oportunismo (a última) foi mais ruinosa que as precedentes. No ponto 21 é condenada a ocupação dos países vencidos por todos os beligerantes, inclusive pelos russos. No ponto 22 é condenada a coexistência e emulação entre Estados capitalistas -sob o exemplo russo e dos países "irmãos"- e Estados socialistas, que no entanto só veio a ser proclamada em 1956, de modo nojento, por Kruchev (em 1952, era ainda o Bigodudo que comandava!). No ponto 23 é fustigada ainda uma vez (e nunca é bastante!) a terceira vaga de traição, sendo duramente condenado o ignóbil pacifismo despudoradamente agitado pela cambada kremlinesca.

Na Parte IV: no ponto 3 reconhecemos que, em 1951, estava-se no fundo da depressão iniciada em 1926 (25 anos). Já então, mas sobretudo hoje, se começa lentamente a subir de novo a pirambeira: mas quem não é tapado ou palhaço não deve sonhar com "viradas". No ponto 4 diz-se que o partido não renuncia em nenhuma ocasião, mesmo modesta, a aproximar-se das massas, inclusive em tempos negros. No ponto 5 reafirma-se a invariância da doutrina, enquanto que nos pontos 6 e 7 condena-se tôda visão escolástica ou acadêmica do partido. No ponto 10 rechaça-se todo recurso "manobrístico" para superar a fase adversa. No ponto 11 projetamos de novo a inevitável retomada da ação sindical, e no ponto 12, depois de ter repetido que a questão parlamentar é tática, abandonamos todo doentio sonho de eleicionismo. Enfim, no ponto 13, lançamos um apêlo aos jovens, apêlo que deve ter efeito muito maior que o até agora amplamente obtido. Troca de guarda entre gerações! Está na hora, porque está sempre na hora de fazê-lo!

CORPO DE TESES CARACTERÍSTICAS DO NOSSO PARTIDO E DA ADESÃO A ÊLE DE TODOS OS SEUS MILITANTES

CORPO DE TESES CARACTERÍSTICAS

DO NOSSO PARTIDO

E DA ADESÃO A ELE

DE TODOS OS SEUS MILITANTES

PARTE I - TEORIA

São fundamentos da doutrina os princípios do materialismo histórico e do comunismo crítico de Marx e Engels que foram enunciados no Manifesto Comunista, no Capital e nas suas outras obras fundamentais, que formaram a base da constituição da Internacional Comunista em 1919, do Partido Comunista da Itália em 1921, e que estão contidos nos pontos do programa do Partido cujo texto aqui reportamos:

"O Partido Comunista Internacional está constituído sôbre a base dos seguintes princípios estabelecidos em Livórnio, no ano de 1921, por ocasião da fundação do Partido Comunista da Itália (seção da Internacional Comunista):

1.- No atual regime social capitalista, desenvolve-se uma oposição sempre crescente entre as fôrças produtivas e as relações de produção, dando lugar ao antagonismo de interêsses e à luta de classe entre proletariado e burguesia dominante.

2.- As relações de produção atuais são protegidas pelo poder do Estado burguês que, qualquer que seja a forma do sistema representativo e do emprêgo da democracia eleitoral, constitui o órgão de defesa dos interêsses da classe capitalista.

3.- O proletariado não pode infringir nem modificar o sistema das relações capitalistas de produção, do qual deriva sua exploração, sem a destruição violenta do poder burguês.

4.- O órgão indispensável da luta revolucionária do proletariado é o partido de classe. O partido comunista, reunindo em seu seio a parte mais avançada e decidida do proletariado, unifica os esforços das massas trabalhadoras dirigindo-os, das lutas por interêsses de grupos e resultados contingentes, à luta geral pela emancipação revolucionária do proletariado. O partido tem a tarefa de difundir entre as massas a teoria revolucionária, de organizar os meios materiais de ação, de dirigir a classe operária ao longo da luta, assegurando a continuidade histórica e a unidade internacional do movimento.

5.- Depois de ter abatido o poder capitalista, o proletariado não poderá organizar-se em classe dominante se não destruir o velho aparêlho estatal e instaurar a sua própria ditadura, isto é, se não excluir de todo direito e função política a classe burguesa e os seus indivíduos,

enquanto êles sobreviverem socialmente, e se não basear os órgãos do novo regime exclusivamente na classe produtiva. O partido comunista, cuja característica programática consiste nesta realização fundamental, representa, organiza e dirige unitàriamente a ditadura proletária. A defesa necessária do Estado proletário contra tôdas as tentativas contra-revolucionárias só pode ser assegurada com a privação da burguesia e dos partidos adversos à ditadura proletária de todos os meios de agitação e de propaganda política e com a organização armada do proletariado para repelir os ataques internos e externos.

6.- Só a fôrça do Estado proletário poderá aplicar, sistemàticamente, tôdas as sucessivas medidas de intervenção nas relações da economia social, com as quais se efetuará a substituição do sistema capitalista pela gestão coletiva da produção e da distribuição.

7.- Esta transformação econômica e as consequentes transformações de tôdas as atividades da vida social terá como efeito a eliminação gradual da necessidade do estado político, cuja engrenagem será progressivamente reduzida a uma administração racional das atividades humanas.

o

o o

A posição do partido em relação à situação do mundo capitalista e do movimento operário após a segunda guerra mundial se funda sôbre os seguintes pontos:

8.- No decorrer da primeira metade do século XX, o sistema social capitalista desenvolveu-se, no campo econômico, no sentido da introdução dos sindicatos patronais com fins monopolistas, e das tentativas de controlar e dirigir a produção e as trocas, segundo planos centrais que vão até à gestão estatal de setores inteiros da produção. No campo político, no sentido do aumento da fôrça policial e militar do Estado e do totalitarismo governamental. Tudo isto não representa novos tipos de organização social com caráter de transição entre capitalismo e socialismo, nem muito menos um retôrno a regimes políticos pré-burgueses: representa, pelo contrário, formas precisas de gestão ainda mais direta e exclusiva do poder e do estado por parte das fôrças mais desenvolvidas do capital.

Êsse processo exclui as interpretações que prevêem um porvir pacífico, evolucionista e progressista do regime burguês, e confirma a previsão da concentração e da disposição antagônica das fôrças de classe. Para que suas energias revolucionárias possam reforçar-se e concentrar-se com potencial correspondente, o proletariado deve rejeitar como sua reivindicação e meio de agitação o retôrno ilusó-

rio ao liberalismo democrático e a requisição de garantias legais, e deve liquidar historicamente o método das alianças transitórias do partido revolucionário de classe, seja com partidos burgueses e de classe média, seja com partidos pseudo-operários de programa reformista.

9.- As guerras imperialistas mundiais demonstram que a crise de desagregação do capitalismo é inevitável com o abrir-se decisivo do período em que sua expansão não mais estimula o aumento das fôrças produtivas, mas condiciona sua acumulação a uma destruição repetida e crescente. Estas guerras acarretam crises profundas e seguidas na organização mundial dos trabalhadores, tendo as classes dominantes podido impor a êstes a solidariedade nacional e militar com um ou outro dos grupos beligerantes. A única alternativa histórica que se pode opor a esta situação é o reacender-se da luta de classe interna até a guerra civil das massas trabalhadoras para derrubar o poder de todos os Estados burgueses e de tôdas as coalisões mundiais, com a reconstituição do partido comunista internacional como fôrça autônoma em relação a todos os poderes políticos e militares organizados.

10.- O estado proletário, dado que seu aparêlho é um meio e uma arma de luta num período histórico de transição, não tira a sua fôrça organizativa de cânones constitucionais e esquemas representativos. O exemplo histórico máximo da sua organização é, até hoje, o dos Conselhos (Sovietes) de trabalhadores surgidos na Revolução Russa de Outubro de 1917, no período da organização armada da classe operária sob a direção única do partido bolchevique, da conquista totalitária do poder, da dissolução da Assembléia Constituinte, da luta para rechaçar os ataques externos dos govêrnos burgueses e para esmagar a rebelião interna das classes derrotadas, das classes médias e pequeno-burguesas e dos partidos oportunistas, infalíveis aliados da contra-revolução nos momentos decisivos.

11.- A defesa do regime proletário contra os perigos de degeneração inerentes aos possíveis insucessos e recuos da obra de transformação econômica e social, obra cuja execução integral não é concebível dentro dos limites de um só país, só pode ser assegurada por uma contínua coordenação política do estado operário com a luta unitária internacional do proletariado de cada país contra a sua burguesia e o aparêlho estatal e militar desta, luta incessante em qualquer situação de paz ou de guerra, e mediante o contrôle político e programático do partido comunista mundial sôbre os aparêlhos do estado em que a classe operária conquistou o poder".

PARTE II - TAREFA DO PARTIDO COMUNISTA

1.- A emancipação da classe trabalhadora da exploração capitalista só é possível com uma luta política e com um órgão político da classe revolucionária: o partido comunista.

2.- O aspecto mais importante da luta política, no sentido marxista, é a guerra civil e a insurreição armada pelas quais uma classe abate o poder da classe dominante oposta e institui o seu. Tal luta não pode ser vitoriosa se não for dirigida pela organização partidária.

3.- Do mesmo modo que a luta contra o poder da classe exploradora não pode ser realizada sem o partido político revolucionário, também não pode ser realizada a ação posterior de erradicação das instituições econômicas precedentes: a ditadura do proletariado, necessária neste não-breve período histórico de transição, é exercida abertamente pelo partido.

4.- São tarefas igualmente necessárias do partido, antes, durante e depois da luta armada pela tomada do poder, a defesa e difusão da teoria do movimento, a defesa e o reforço da organização interna com o proselitismo, a propaganda da teoria e do programa comunista, e a atividade constante nas fileiras do proletariado onde quer que êste for levado, pelas necessidades e determinações econômicas, à luta pelos seus interêsses.

5.- O partido não só não reúne em suas fileiras todos os indivíduos que compõem a classe proletária, como também não agrupa nem mesmo a maioria dêstes: êle reúne aquela minoria que adquire o preparo e a maturidade coletiva teórica e de ação correspondente à visão geral e final do movimento histórico em todo o mundo e em todo o período que vai da formação do proletariado à sua vitória revolucionária.

A questão da consciência individual não é a base da formação do partido: não só cada proletário não pode ser consciente e, menos ainda, culturalmente senhor da doutrina de classe, nem tampouco o pode cada militante tomado individualmente, como também nem mesmo os dirigentes podem ser a garantia desta consciência. Tal garantia consiste tão sòmente na unidade orgânica do partido.

Do mesmo modo que rechaçamos tôda concepção de ação individual ou de ação de uma massa não ligada por uma precisa rêde organizativa, também rechaçamos a concepção do partido como agrupamento de sábios, de iluminados ou de conscientes. Substituímos tais concepções pela concepção de uma rêde e de um sistema que, no seio da classe operária,

tem orgânicamente a função de explicar-lhe a tarefa revolucionária em todos os seus aspectos e em tôdas as suas fases complexas.

6.- O marxismo sempre rechaçou vigorosamente a teoria sindicalista tôdas as vêzes que ela apareceu. Esta teoria dá à classe sòmente órgãos econômicos -como as associações profissionais, de categoria ou de emprêsa- pretendendo-os capazes de desenvolver a luta e a transformação social.

Embora considere o sindicato um órgão por si só insuficiente para a revolução, o partido considera-o, entretanto, órgão indispensável para a mobilização da classe no plano político e revolucionário, mobilização realizada com a presença e a penetração do partido comunista nas organizações econômicas de classe. Nas difíceis fases que a formação das associações econômicas apresenta, consideramos que se prestam ao trabalho do partido as associações que compreendam sòmente proletários e às quais êstes se filiem espontâneamente, sem a obrigação de professar opiniões políticas, religiosas e sociais dadas. Tal caráter se perde nas organizações confessionais e de adesão obrigatória, ou nas que se tornaram parte integrante do aparêlho de Estado.

7.- O partido nunca adota o método de formar organizações econômicas parciais que reúnam sòmente os trabalhadores que aceitam os princípios e a direção do partido comunista. Mas êle reconhece sem reservas que não só a situação que precede à luta insurrecional, como também cada fase de aumento decidido da sua influência entre as massas, não pode delinear-se sem que se estenda entre o partido e a classe uma camada de organizações com objetivos econômicos imediatos e com alta participação numérica, no seio das quais exista uma rêde que emane do partido (núcleos, grupos e fração comunista sindical). É tarefa do partido, nos períodos desfavoráveis e de passividade da classe proletária, prever as formas e encorajar a aparição das organizações com objetivo econômico para a luta imediata, as quais poderão assumir aspectos totalmente novos no futuro, além dos tipos bem conhecidos de liga de profissão, sindicato de categoria, consêlho de emprêsa, etc. O partido encoraja sempre as formas de organização que facilitam o contato e a ação comum entre trabalhadores de diversas localidades e de várias especialidades profissionais, repelindo as formas fechadas.

8.- No suceder-se das situações históricas, o partido mantem-se, pois, afastado:

- da visão idealista e utópica que confia o melhoramento social a uma união de eleitos, de conscientes, de anóstolos ou de heróis;

- da visão libertária que o confia à revolta de indivíduos ou de multidões desorganizadas;

- da visão sindicalista ou economista que o confia à ação de organismos econômicos e apolíticos, seja ou não acompanhada da conclamação ao uso da violência;

- da visão voluntarista e sectária que, prescindindo do real processo determinista que faz com que a rebelião de classe surja de reações e atos que são bastante anteriores à consciência teórica e mesmo à vontade definida, quer um pequeno partido de elite que ou se cerca de sindicatos extremistas que são uma sua réplica, ou cai no êrro de isolar-se da rêde associativa econômico-sindical do proletariado. Êste último êrro dos "ka-a-pedistas" alemães e dos tribunistas holandeses(1) foi sempre combatido pela Esquerda italiana no seio da Terceira Internacional.

A Esquerda italiana delimitou-se da Internacional por questões de estratégia e de tática da luta proletária, questões que não podem ser tratadas sem referência ao tempo e à sucessão das fases históricas.

(1) Os membros do Kommunistische Arbeiterpartei Deutschlands (KAPD) na Alemanha e do grupo holandês formado em tôrno da revista "Tribune", inspirado por Gorter e Pannekoek, que se desligaram definitivamente da Internacional Comunista em 1921.

PARTE III - VAGAS HISTÓRICAS DE DEGENERAÇÃO OPORTUNISTA

1.- Uma posição de intransigência, isso é, de recusa por princípio de tôda aliança, frente única ou compromisso, não pode ser sustentada como válida para tôdas as sucessivas fases históricas do movimento proletário sem que se caia no idealismo, que se justifica com considerações místicas, éticas e estéticas estranhas à visão marxista. As questões de estratégia, de manobra, de tática e de prática da classe e do partido se colocam e se resolvem sòmente no plano histórico. Isto significa que o que vale para estas questões é o grande proceder mundial do avanço proletário entre a revolução burguesa e a revolução proletária, e não a enrolação casuística do lugar por lugar, momento por momento, deixada ao arbítrio dos grupos e dos comitês dirigentes.

2.- O próprio proletariado é, antes de mais nada, um produto da economia e da industrialização capitalista. Portanto, como o comunismo não pode nascer da inspiração de homens, cenáculos ou confrarias, mas sòmente da luta dos próprios proletários, uma condição sua é a vitória irrevogável do capitalismo sôbre as formas que o precedem històricamente. Isto é: a vitória da burguesia sôbre as aristocracias feudais fundiárias e outras classes do antigo regime europeu, asiático e de cada país.

No tempo do Manifesto dos Comunistas, quando a indústria moderna estava no início do seu desenvolvimento e existia em poucos países, o proletariado devia ser incitado a lutar lado a lado com os burgueses revolucionários nas insurreições anti-feudais e de libertação nacional, as armas na mão, a fim de acelerar a eclosão da luta de classes moderna. Assim, faz parte do grande curso histórico da luta proletária a participação dos trabalhadores na grande revolução francesa e na sua defesa contra as coalisões européias, inclusive na fase napoleônica, e apesar de que, desde aquela época, a ditadura burguesa reprimisse ferozmente as primeiras manifestações sociais comunistas.

Para os marxistas, depois das derrotas revolucionárias que burgueses e proletários, ainda aliados, sofreram nas lutas de 1848, tal período de estratégia anti-feudal prolonga-se até 1871, já que subsistiam na Europa regimes históricos feudais (na Rússia, Áustria e Alemanha) e que era condição do desenvolvimento industrial europeu a conquista da unidade nacional na Itália, Alemanha e também na Europa Oriental.

3.- 1871 é uma evidente reviravolta, pois a luta contra Napoleão III e sua ditadura já é claramente uma luta contra

uma forma não feudal, mas capitalista - luta que é produto e prova da concentração antagônica das fôrças de classe. Embora Napoleão seja considerado como um obstáculo militar ao desenvolvimento histórico burguês e moderno da Alemanha, o marxismo revolucionário se coloca imediatamente na frente da luta exclusivamente proletária contra a burguesia francesa, luta de todos os partidos da Comuna, primeira ditadura dos trabalhadores.

Com tal época se encerra, no quadro europeu, a possibilidade de escolha entre dois grupos históricos em luta e entre dois exércitos estatais, já que todo "retôrno" de formas pré-burguesas tornou-se socialmente impossível em duas grandes áreas: Inglaterra/América e Europa até os limites com os impérios otomano e tzarista.

a) Primeira vaga oportunista: fim do século XIX

4.- A primeira onda de oportunismo nas fileiras do movimento proletário marxista (considerando fora do marxismo a posição bakuninista na Primeira Internacional -1867 a 1871- e a soreliana na Segunda -1907 a 1914) é o revisionismo social-democrata. Sua posição era a seguinte: assegurada em tôda a parte a vitória burguesa, abre-se um período sem insurreições e guerras; sôbre a base da difusão da indústria, do aumento numérico dos trabalhadores e do sufrágio universal, afirma-se a possibilidade do socialismo por via gradual e não-violenta, e tenta-se (Bernstein) esvaziar o marxismo do seu conteúdo revolucionário, pretendendo-se que êle não pertenceria à classe operária mas que era um reflexo espúrio do período insurrecional burguês. Neste período em que a vitória da burguesia está consolidada, a questão tática de alianças entre partidos burgueses avançados ou de esquerda e partidos proletários assume outro aspecto: estas alianças são estabelecidas não para fazer nascer o capitalismo mas para a partir dêle encaminhar o socialismo por meio de leis e reformas; não para combater nas cidades e no campo, mas para votar em conjunto nas assebléias parlamentares. Tal proposta de alianças e blocos que vão até à aceitação de cargos de ministros pelos dirigentes operários, assume caráter histórico de abandono da via revolucionária e, poristo, os marxistas radicais condenam todo bloco eleitoral.

b) Segunda: 1914

5.- Quando da eclosão da guerra de 1914, se abate sôbre o movimento proletário a segunda e tremenda vaga do oportunismo. Numerosos dirigentes parlamentares e sindicais, bem como fortes grupos de militantes com partidos inteiros, apresentam o conflito entre os Estados como uma luta que poderia levar ao retôrno do feudalismo absolutista e à destruição das conquistas civis da burguesia e do sistema produtivo moderno, pregando poristo a solidariedade com o Estado nacional em luta. Isto em ambos os lados da frente já que, aliada com as avan-

çadas burguesias da Inglaterra e da França, está a Rússia do Tzar.

A maioria da Segunda Internacional cai no oportunismo de guerra, dêle escapando poucos partidos, entre os quais o italiano. Sòmente grupos e frações avançadas colocam-se no terreno de Lênin que, definida a guerra como produto do capitalismo e não da luta entre capitalismo e formas antigas, deriva disso não só a condenação da união sagrada e da aliança nacional, como também a reivindicação da luta derrotista interna do partido proletário contra todo Estado e exército em guerra.

6.- A Terceira Internacional surge sôbre o duplo dado histórico da luta contra a social-democracia e contra o social-patriotismo.

Não só, em tôda a Internacional proletária, não se faz alianças com outros partidos para a gestão do poder parlamentar como, além disso, nega-se que o poder possa, ainda que "intransigentemente"(1), ser conquistado por vias legais pelo partido proletário, e reafirma-se, sôbre as ruínas do período capitalista pacífico, a necessidade da violência armada e da ditadura.

Não só não são feitas alianças com os govêrnos em guerra -ainda que esta seja "de defesa"-, permanecendo-se, mesmo em guerra, numa oposição de classe, como, além disso, tenta-se em todos os países a ação derrotista no próprio país para transformar a guerra imperialista dos Estados em guerra civil das classes.

7.- À primeira onda de oportunismo reagia a fórmula: nenhuma aliança eleitoral, parlamentar e ministerial para obter reformas.

À segunda onda reagia a outra fórmula tática: nenhuma aliança de guerra (desde 1871) com o Estado e a burguesia.

A eficácia tardia das reações impediu que a crise e a derrocada de 1914-18 fôssem aproveitadas para empreender-se vitoriosamente em tôda parte a luta pelo derrotismo da guerra e pela destruição do Estado burguês.

8.- A única grandiosa exceção histórica é a vitória de Ou-

---

(1) Alusão à "intransigência" de que o PSI se pavoneava mas que se reduzia à recusa do apôio parlamentar a govêrnos burgueses, não excluindo explìcitamente a possibilidade de um acesso legal e gradual ao poder.

tubro de 1917 na Rússia. A Rússia era o único grande Estado europeu ainda regido pelo poder feudal e com escassa penetração das formas capitalistas de produção. Na Rússia, existia um partido não numeroso mas tradicionalmente firme sôbre a justa linha da doutrina marxista, que se opôs, na Internacional, às duas ondas oportunistas e que, ao mesmo tempo, mostrou-se à altura de colocar, desde as grandiosas provações de 1905, os problemas da articulação de duas revoluções: burguesa e proletária.

Em fevereiro de 1917, êste partido luta, junto com os outros partidos, contra o tzarismo e, logo depois, luta não só contra os partidos burgueses liberais, como também contra os partidos oportunistas proletários, conseguindo derrotar todos êles. Além disso, êle está no centro da reconstituição da Internacional revolucionária.

9.- O alcance dêste formidável acontecimento se resume em irrevogáveis resultados históricos. No último país próximo da área européia ocidental, uma luta permanente conduziu o proletariado -e ùnicamente êle- ao poder, embora, socialmente, êle não estivesse totalmente desenvolvido. A ditadura proletária, varridas as recentes formas liberal-democráticas de tipo ocidental, enfrenta a enorme tarefa de impulsionar a evolução econômica, com um duplo encargo: superar as formas feudais e superar as formas capitalistas recém-nascidas. Isto requer, antes de mais nada, a resistência vitoriosa aos ataques dos bandos contra-revolucionários e das fôrças capitalistas, logo, a mobilização de todo o proletariado mundial ao lado do poder soviético e no assalto aos poderes burgueses do ocidente; logo, também, transportado o problema revolucionário às fronteiras dos continentes habitados pelas raças de côr, a mobilização de tôdas as fôrças prontas a insurgir-se em armas contra os imperialismos metropolitanos brancos.

10.- Encerrada, na área européia, tôda estratégia de bloco anti-feudal com movimentos burgueses de esquerda, ela foi substituída pela diretiva do ataque proletário armado ao poder. Nos países atrasados, sôbre o campo do combate, os partidos proletários comunistas nascentes não desprezarão participar das insurreições, mesmo que de outros elementos sociais anti-feudais, seja contra os senhores despóticos locais como contra o colonizador branco.

No tempo de Lênin, a alternativa se coloca històricamente assim: ou a vitória da luta proletária mundial, com a queda do poder capitalista em pelo menos grande parte da Europa desenvolvida e um aceleradíssimo ritmo de transformação da economia na Rússia, saltando a etapa capitalista e igualando-se à indústria do ocidente já madura para o socialismo; ou então, a persistência dos grandes centros do imperialismo burguês e, ao mesmo tempo, o recuo do poder revolucionário russo para as tarefas de uma só das duas revo-

luções sociais: a burguesa, com um esfôrço de construção produtiva imenso mas de tipo capitalista e não socialista.

11.- A própria evidência da imperiosa necessidade de acelerar a conquista do poder na Europa para evitar, ao cabo de poucos anos, a queda violenta do Estado soviético ou a sua degeneração em Estado capitalista levou a que se perguntasse, tão logo ficou claro que a sociedade burguesa se consolidava depois do grave abalo da primeira guerra mundial e que os partidos comunistas não logravam vencer sua batalha, a não ser em tentativas logo reprimidas, qual a manobra a ser adotada para conjurar o fato de que importantes camadas proletárias ainda seguiam as influências social-democráticas e oportunistas.

Dois métodos se contrapuseram: o de considerar os partidos da Segunda Internacional, que realizavam abertamente uma campanha implacável tanto contra o programa comunista, como contra a Rússia revolucionária, como inimigos declarados, lutando contra êles como a parte mais perigosa da frente burguesa de classe; e o de recorrer a expedientes capazes de transferir para o partido comunista a influência dos partidos social-democratas sôbre as massas, por meio de "manobras" estratégico-táticas.

12.- Para validar tal método, invocou-se erradamente as experiências da política bolchevique na Rússia, saindo-se da justa linha histórica. Lá, os oferecimentos de alianças a outros partidos, pequeno burgueses e até mesmo burgueses, eram fundados no fato de que o tzarismo punha todos aquêles movimentos fora da lei e os constrangia à luta insurrecional. Na Europa, não era possível propor ações comuns, mesmo com objetivo de manobra, a não ser no plano legalitário fôsse êle parlamentar ou sindical. Na Rússia, a experiência de um parlamentarismo liberal foi brevíssima (1905 e poucos meses de 1917), do mesmo modo que a de um sindicalismo admitido pela lei; no resto da Europa, meio século de degeneração havia feito dêstes campos o terreno favorável ao entorpecimento de tôda energia revolucionária e ao avassalamento dos dirigentes proletários à burguesia. A garantia que consistia na firmeza de organização e de princípio do partido bolchevique era inteiramente diferente de uma garantia dada pela existência do poder estatal revolucionário na Rússia que, devido às próprias condições sociais e às relações internacionais, era o mais exposto -como a história o demonstrou- a ser arrastado na renúncia dos princípios e diretivas revolucionários.

13.- Por conseguinte, a esquerda da Internacional -à qual pertenceu a maioria esmagadora do Partido Comunista da Itália enquanto a reação (favorecida sobretudo pelo êrro de estratégia histórica) não o destruiu pràticamente- sustentou que, no Ocidente, deveriam ser totalmente recusadas as

alianças e propostas de aliança aos partidos políticos socialistas e pequeno burgueses (tática da frente única política). Admitiu que se devia procurar ampliar a influência sôbre as massas estando presente a tôdas as lutas econômicas e locais e convocando os trabalhadores de tôdas as organizações e todos os credos a dar a elas um maior desenvolvimento; mas negou veementemente que se pudesse comprometer (ainda que só em declarações públicas e não nas intenções e instruções ao aparêlho interno) a ação do partido no sentido da subordinação aos comitês políticos de frente, de bloco e de aliança entre vários partidos. Rechaçou ainda mais vigorosamente a tática supostamente "bolchevique", quando esta assumiu a forma de "govêrno operário " (tornada, algumas vêzes, experiência prática com resultados desastrosos), isto é, quando se lançou a palavra de ordem de tomada parlamentar do poder com maioria mista de comunistas e socialistas das diversas nuances. Se o partido bolchevique tinha podido projetar sem perigo o plano de govêrnos provisórios e de diversos partidos na fase revolucionária, e se isto lhe permitiu passar prontamente à mais resoluta autonomia de ação e, mesmo, a pôr fora da lei os antigos aliados, tal coisa só foi possível devido à diversidade de situação das fôrças históricas: urgência de duas revoluções e repressão, pelo Estado vigente, de tôda tomada do poder por via parlamentar. É um absurdo transportar tal estratégia à situação em que o Estado burguês tem, atrás de si, uma semi-secular tradição democrática, com partidos que aceitam o seu constitucionalismo.

14.- A experiência do método tático seguido pela Internacional de 1921 a 1926 foi negativa e, apesar disto, em cada congresso (III, IV, V e Executivo Ampliado de 1926) dêle foram dadas versões cada vez mais oportunistas. Na base do método estava o cânone: mudar a tática segundo o exame das situações. Com pretensas análises, avistava-se cada seis meses novas etapas do capitalismo, etapas que se pretendia impedir com novas manobras. No fundo, é nisto que está o revisionismo, que sempre foi "voluntarista": quando constatou que as previsões sôbre o advento do socialismo não se tinham ainda tornado realidade, pensou em forçar a história com um novo proceder; mas, com isto, deixou também de lutar pelo próprio objetivo proletário e socialista do nosso programa máximo. A situação exclui, de hoje em diante, tôda possibilidade de insurreição, diziam os reformistas em 1900. É bobagem esperar o impossível: trabalhemos pelas possibilidades concretas, pelas eleições e reformas legais, pelas conquistas sindicais. Quando tal método faliu, o voluntarismo dos sindicalistas reagiu imputando a culpa ao método político e ao partido político, e preconizou o esfôrço de minorias audazes na greve geral, conduzida exclusivamente pelos sindicatos, para obter uma mudança. Do mesmo modo, quando se viu que o proletariado ocidental não se lançava à luta pela ditadura, quiz-se recorrer a expedientes para acelerar o passo.

Aconteceu que, passado o momento de desequilíbrio das fôrças capitalistas, a situação objetiva e a relação de fôrças não mudou, enquanto que o movimento foi se enfraquecendo e, depois, se corrompendo, assim como tinha acontecido que os apressados revisionistas de esquerda e de direita do marxismo revolucionário tinham acabado a serviço das burguesias nas alianças de guerra. A preparação teórica e a restauração dos princípios foi sabotada quando se criou a confusão entre o programa da conquista do poder total para o proletariado e a formação de govêrnos "afins" mediante o apôio e a participação parlamentar e ministerial dos comunistas. Na Turíngia e na Saxônia, tal experiência terminou burlescamente, bastando dois policiais para derrubar o líder comunista do govêrno.

15.- Confusão não menor foi causada na organização interna, sendo comprometido o resultado do difícil trabalho de seleção dos elementos revolucionários e de sua separação dos oportunistas nos diversos partidos e países. Acreditava-se conseguir novos efetivos, fàcilmente manobráveis pelo centro, arrancando-se em bloco as alas esquerdas dos partidos social-democratas. Em lugar disto, passado um primeiro período de formação da nova Internacional, esta deveria funcionar estàvelmente como partido mundial, devendo os novos prosélitos aderir individualmente às suas seções nacionais. Queria-se ganhar fortes grupos de trabalhadores mas, em lugar disto, pactuou-se com os dirigentes oportunistas, desordenando todos os quadros do movimento, descompondo-os e recompondo-os, por meio de combinações de pessoas, em períodos de luta ativa. Reconheceu-se como comunistas frações e células no seio dos partidos socialistas e oportunistas, e praticou-se fusões organizativas. Quase todos os partidos, em vez de se tornarem aptos para a luta, foram, assim, mantidos em crise permanente, agiram sem continuidade e sem limites definidos entre amigos e inimigos, e registraram contínuos insucessos nas diversas nações. A Esquerda reivindica a unicidade e a continuidade organizativa.

Outro ponto de dissensão foi a organização que se quiz dar aos partidos comunistas, substituindo a organização por seções territoriais pela organização por local de trabalho. Isto restringia o horizonte das organizações de base que resultavam compostas de elementos da mesma profissão e interêsses econômicos semelhantes. A síntese natural dos vários "impulsos" sociais no partido e na sua finalidade unitária desapareceu, sendo exprimida sòmente pelas palavras de ordem trazidas pelos representantes dos centros superiores, os quais, ademais, tornaram-se funcionários que começavam a ter tôdas as características do funcionarismo político e sindical do velho movimento. Tal crítica não deve ser confundida com uma reivindicação de"democracia interna" e com a lamúria de que não se possa fazer"livres eleições" para os quadros do partido. Trata-se, ao contrário, de uma

profunda divergência de concepções sôbre a organicidade determinista do partido como corpo histórico que vive na realidade da luta de classe; trata-se da crítica a um profundo desvio de princípio que torna os partidos incapazes de antever e enfrentar o perigo oportunista.

16.- Desvios análogos se verificaram dentro da Rússia, onde se apresentava, pela primeira vez na história, o nada fácil problema de organização e disciplina no seio do Partido Comunista que tinha chegado de modo total ao poder e que, naturalmente, viu seus efetivos aumentarem enormemente. As próprias dificuldades das relações entre a luta social interna por uma nova economia e a luta política revolucionária no exterior provocavam correntes de opinião opostas entre bolcheviques da velha guarda e novos aderentes. Aconteceu que o grupo dirigente do partido, tendo em mãos não só o aparêlho partidário como também o contrôle de todo o aparêlho estatal, no fazer prevalecer as próprias opiniões ou as opiniões das maiorias que se formavam na direção, não se limitou a servir-se dos elementos deduzidos da doutrina do partido, da sua tradição de luta e da unidade e organicidade do movimento revolucionário internacional, mas começou a reprimir as oposições e protestos de militantes, atingindo-os com medidas executadas pelo aparêlho estatal. Sustentou ser necessidade revolucionária que a desobediência à Central do partido fôsse reprimida não só com medidas no seio da organização, que iam até à expulsão do próprio partido, mas que fôsse considerada também como uma ação lesiva à ordem do Estado revolucionário. Esta falsa relação entre os dois órgãos, partido e Estado, coloca evidentemente o grupo que controla a ambos na possibiliddde de fazer prevalecer qualquer abandono das diretivas de princípio e das linhas históricas próprias ao partido desde o período pré-revolucionário e próprias a todo o movimento proletário mundial revolucionário. O partido é um organismo unitário na sua doutrina e na sua ação: pertencer a êle impõe taxativas obrigações a dirigentes e a gregários. Mas, o ato de adesão (ou de afastamento) a êle ocorre sem a intervenção de qualquer constrição física, o que deve acontecer do mesmo modo antes, durante e depois da conquista do poder. O partido, do mesmo modo que dirige de modo exclusivo e autônomo a luta da classe explorada para abater o Estado capitalista, dirige igualmente de modo exclusivo e autônomo o Estado do proletariado revolucionário. Mas o Estado (exatamente enquanto órgão revolucionário històricamente transitório) não pode, sem que isto seja indício de grave crise, praticar intervenções legais e policiais contra membros ou grupos do partido. Do momento em que tal medida prevaleceu na Rússia, verificou-se o afluxo oportunista ao partido de elementos que não tinham outra finalidade que a de conseguir vantagens ou ver seus interêsses tolerados pelo aparêlho estatal. E, sem maiores preocupações, tais adesões danosas foram aceitas. Por um lado, o Estado nem siquer começou a esvaziar-se

e, por outro, houve uma danosa"inchação"do partido no poder.

Esta mecânica inversão de influências tornou possível que, no manejo tanto do partido como do Estado dos Sovietes, os heterodoxos conseguissem excluir os ortodoxos, que os traidores dos princípios revolucionários conseguissem imobilizar e, finalmente, processar e justiçar os coerentes defensores dêstes princípios, inclusive os que perceberam tarde demais o irreparável deslizamento.

De fato, o govêrno político,que mantinha e avaliava tôdas as relações, mesmo que de luta e oposição, tanto com fôrças sociais internas inimigas quanto com os govêrnos burgueses estrangeiros, resolveu as questões e ditou as soluções ao centro de organização e direção do partido russo. Êste, por sua vez, na organização e nos congressos internacionais, dominou e manipulou fàcilmente e como quiz os partidos de outros países e as diretivas do Comintern, que foram cada vez mais de adaptação e de ecletismo.

A Esquerda italiana, sem contestar os méritos históricos revolucionários do partido russo que havia conduzido à vitória a primeira revolução local, sempre sustentou que eram indispensáveis as contribuições dos outros partidos ainda em luta aberta com o regime burguês. Era, pois, necessário que a hierarquia a dar soluções aos problemas de ação internacional e russa fôsse esta: a Internacional dos partidos comunistas do mundo; as suas seções locais, entre as quais a seção russa; para a política russa, o govêrno comunista, executor das diretivas do partido. De outro modo, o caráter internacionalista do movimento e a sua eficiência revolucionária não poderiam deixar de ficar comprometidos.

O próprio Lênin tinha várias vezes admitido que, estendendo-se a revolução européia e mundial, o partido da Rússia seria passado não para o segundo mas, pelo menos, para o quarto lugar na direção geral política e social da revolução comunista. E só assim seria possível evitar eventuais divergências entre os interêsses do Estado russo e as finalidades da revolução mundial.

17.- Não é possível localizar exatamente no tempo o início da terceira vaga oportunista, da terceira doença degenerativa do partido proletário mundial que sucedeu àquela que paralizou a Internacional de Marx e à outra que fêz desmoronar vergonhosamente a Segunda Internacional Socialista. Depois dos desvios e êrros políticos, táticos e organizativos aqui tratados nos pontos 11, 12, 13, 14, 15 e 16, cai-se em pleno oportunismo com a atitude que Moscou tomou frente à aparição das formas burguesas totalitárias de govêrno e de repressão ao movimento revolucionário. Estas formas sucederam ao período dos grandes ataques proletários

desencadeados após a primeira guerra mundial na Alemanha, Itália, Hungria, Baviera, Países Balcânicos, etc, e foram definidas, com expressões de um marxismo duvidoso, no plano econômico, como ofensivas patronais que visavam abaixar o nível de vida das classes trabalhadoras e, no plano político, como uma iniciativa que visava suprimir as liberdades liberais e democráticas, liberdades que constituiriam um ambiente favorável a um avanço do proletariado, enquanto que o marxismo o havia tradicionalmente considerado como a pior atmosfera de corrupção revolucionária. Tratava-se, entretanto, da plena realização da grande vicissitude histórica contida na visão marxista, e tão sòmente nela: a concentração econômica que, pondo em evidência o caráter social e mundial da produção capitalista, impelia esta a unificar seu mecanismo, e a consequência política e de guerra social que derivava do esperado encontro final de classe e que correspondia à alternativa em que a pressão proletária ficava abaixo do potencial de defesa do Estado capitalista de classe.

Devido a uma grosseira confusão histórica com o período kerenskiano na Rússia, os dirigentes da Internacional caíram não só num grave êrro de interpretação teórica, como numa consequente e inevitável reviravolta de tática. Traçou-se para o proletariado e para os partidos comunistas uma estratégia defensiva e de conservação, e aconselhou-se a êles formar uma frente com todos os grupos burgueses menos munidos e iluminados (e, poristo mesmo, ainda menos eficazes como aliados) que sustentavam que se devia garantir aos operários vantagens imediatas e que não se devia suspender o direito das classes populares à associação, ao voto, etc. Assim, não se compreendeu, por um lado, que o fascismo ou o nacional-socialismo nada tinham a ver com uma tentativa de retôrno a formas de govêrno despóticas e feudais, e nem com uma predominância de pretensas camadas burguesas de direita opostas à classe capitalista mais avançada da grande indústria, ou com uma tentativa de govêrno autônomo de classes intermediárias entre o patronato e o proletariado; por outro lado, não se compreendeu que o fascismo, ao mesmo tempo que se libertava da imunda máscara parlamentar, herdava plenamente o reformismo social pseudo-marxista, assegurando, com uma série de medidas, de intervenções do Estado de classe no interêsse da conservação do capitalismo, não só condições mínimas de vida, bem como uma série de progressos sociais e assistenciais para o operariado e outras classes mais deserdadas. Foi dada, pois, a palavra de ordem de luta pela liberdade, palavra que foi prescrita desde 1926 pelo presidente da Internacional ao partido italiano, em cujas fileiras a quase totalidade dos militantes queria realizar contra o fascismo, no poder havia quatro anos, uma política autônoma de classe e não a política do bloco com todos os partidos democráticos e até mesmo monarquistas e católicos, para com êles reivindicar o restabelecimento das garantias constitucionais e parlamentares. Os comunistas italianos quizeram, desde então, inabilitar o conteúdo da oposição ao

fascismo de todos os partidos médio-burgueses, pequeno burgueses e pseudo-proletários; e, poristo, previram desde aquêle momento -mas em vão- que tôda energia revolucionária se esvairia com o entrar naquela via degenerativa que conduziu, por fim, aos Comitês de Libertação Nacional.

A política do partido comunista é, por natureza, de ofensiva e em nenhum caso êle deve lutar pela ilusória conservação de condições próprias às instituições capitalistas. Se, no período anterior a 1871, o proletariado teve que lutar ao lado das fôrças burguesas, não foi para que estas pudessem conservar posições dadas ou evitar a queda de formas históricas adquiridas, mas, ao contrário, para que pudessem destruir e superar formas históricas precedentes. Tanto na vida econômica quotidiana, quanto na política geral e mundial, a classe operária, como nada tem a perder, nada tem a defender, e a sua tarefa é sòmente ataque e conquista. Poristo, no aparecimento de manifestações de concentração, unitariedade, totalitarismo capitalista, o partido revolucionário deve sobretudo reconhecer que nisto está a sua integral vitória ideológica e deve, poristo, preocupar-se sòmente com a relação efetiva de fôrças para a disposição das fôrças proletárias na guerra civil revolucionária, relação que, até aqui, as ondas de degeneração oportunista e gradualista, precisa e sòmente elas, tornaram desfavoráveis; deve fazer o possível para desencadear o ataque final e, onde não o puder fazer, deve afrontar a derrota, mas nunca proferir um não-belicoso e derrotista "vade retro Satana", que equivale a implorar, estùpidamente, tolerância ou perdão ao inimigo de classe.

c) Terceira: a partir de 1926

18.- Enquanto na segunda das grandes vagas oportunistas, a linha traidora apresentava-se sob formas humanitárias, filantrópicas e pacifistas, e culminava na difamação do método insurrecional e da ação armada (indo depois desembocar na apologia da violência legal e estatal de guerra), na terceira vaga degenerativa é um fato novo que a traição e o desvio da linha revolucionária classista tenham se apresentado até mesmo nas formas de ação, de luta e de guerra civil. A crítica à degeneração da linha de classe permanece a mesma nesta fase atual: contra as frentes comuns, blocos ou alianças, tanto com fins puramente propagandísticos ou eleitorais e parlamentares, como quando se trata de colusões híbridas de movimentos heterogêneos ao partido comunista para fazer prevalecer, no interior de um país, um govêrno sôbre outro, com uma luta de natureza militar baseada na conquista de território e de posições de fôrça. Poristo, todo o aliancismo na guerra civil da Espanha, que teve lugar em fase de paz entre Estados, como todo o movimento de "partisans" contra os alemães e contra os fascistas, e bem como a chamada Resistência, encenados durante o estado de guerra entre os Estados no segundo conflito mundial, representam,

sem sombra de dúvida, apesar do emprêgo de meios violentos, uma traição à luta de classes e uma colaboração com fôrças capitalistas. A recusa do partido comunista a subordinar-se a comitês interpartidários e suprapartidários deve se tornar ainda mais inexorável quando se passa do campo de ações legalmente consentidas ao campo vital e fundamental dos movimentos conspirativos, da preparação armada e de grupos de combate, campo no qual é criminoso ter o que quer que seja em comum com movimentos não-classistas. Não é preciso recordar como tôdas estas colusões terminaram, em caso de derrota, com a concentração da vingança sôbre os comunistas e, em caso de aparente vitória, com o desarme completo da ala revolucionária e com a desnaturação do seu partido para dar lugar a novas situações legalizadas e consolidadas da ordem burguesa.

19.- Tôdas as citadas manifestações de oportunismo na tática imposta aos partidos europeus e na prática governativa e policial na Rússia foram coroadas, depois da eclosão da segunda guerra mundial, pela política do Estado russo em relação aos outros Estados beligerantes e pelas diretivas dadas por Moscou aos partidos comunistas. Não só não se verificou que êstes partidos repelissem, em todos os países capitalistas, a adesão à guerra e dela se aproveitassem para iniciar ações de classe e derrotistas que visassem abater o Estado burguês: numa primeira fase, a Rússia concluiu um acôrdo com a Alemanha e, porisso, enquanto se dispunha que a seção alemã nada tentasse contra o poder hitlerista, ousou-se ditar uma tática pretendidamente marxista aos comunistas franceses e ingleses, segundo a qual êles deviam declarar imperialista e de agressão a guerra da burguesia francesa e inglesa, e convocou-se tais partidos a realizar ações ilegais contra o Estado e o exército; mas, tão só o Estado russo se achou em conflito militar com o Estado alemão e, consequentemente, teve interêsse na eficiência de tôdas as fôrças que o golpeavam, não só os partidos da França, Inglaterra, etc, receberam a diretiva política oposta e a ordem de passar para a frente de defesa nacional (exatamente como haviam feito os socialistas de 1914, desqualificados por Lênin), como, além disso, ubverteu-se tôda posição teórica e histórica declarando que a guerra dos ocidentais contra a Alemanha não era uma guerra imperialista, mas uma guerra pela liberdade e pela democracia -e isto desde o comêço, isto é, desde quando, em 1939, o conflito tinha estourado e tôda a imprensa e a propaganda pseudo-comunista tinham sido lançadas contra os franco-ingleses! É claro, pois, que as fôrças da Internacional Comunista (num certo ponto formalmente liquidada para dar às potências imperialistas uma melhor garantia de que os partidos comunistas nos seus países estavam completamente a serviço das respectivas nações e pátrias) em momento algum da longa guerra foram empregadas para provocar a queda de um poder capitalista e as condições de uma conquista do poder pelas classes operárias. Elas foram, ao contrário, sempre e sòmente empregadas numa aberta colaboração com um dos

grupos imperialistas e, além do mais, experimentou-se a colaboração com um e outro grupo, segundo mudavam os interêsses nacionais e militares da Rússia. Que não mais se tratasse de uma simples tática oportunista, mesmo que enormemente exagerada, mas de um abandono total de posições históricas, prova-o o descaramento com que é politicamente mudada a definição das potências burguesas: França, Inglaterra, América, imperialistas e plutocráticas em 1939-40, tornam-se expoentes de progresso, liberdade e civilização nos anos seguintes, tendo em comum com a Rússia o programa de arranjo do mundo. Mas tão mirabolante transformação -que se pretende conciliar com doutrinas e textos de Marx e Lênin- não tem nem mesmo caráter definitivo, já que bastam as primeiras dissensões de 1946 em diante e os primeiros conflitos locais na Europa e na Ásia para de novo se acusar aquêles mesmos Estados, com as mais chamejantes expressões, do mais nefando imperialismo!

Poristo, não causa espanto nenhum o fato de que as provações a que foram submetidos os partidos revolucionários que se reuniram em Moscou em 1919-20, avançando, com ritmo "progressivo", dos contatos com os social-traidores e social-patriotas repudiados na véspera, às frentes únicas, aos experimentos de govêrnos "operários" que renunciavam à ditadura, aos blocos com partidos pequeno-burgueses e democratas e, por fim, à total submissão à política de guerra de potências capitalistas hoje abertamente reconhecidas não só como imperialistas, mas também como "fascistas" em grau não menor que a Alemanha e a Itália de então, tenham destruído nestes partidos, no curso de trinta anos, todo e qualquer resíduo de caráter classista revolucionário.

20.- A terceira vaga histórica do oportunismo reúne as piores características das duas precedentes, na mesma medida em que o capitalismo de hoje em dia compreende todos os estágios do seu desenvolvimento.

Terminada a segunda guerra imperialista, os partidos oportunistas, ligados a todos os partidos expressamente burgueses nos Comitês de Libertação Nacional, participam de govêrnos constitucionais juntamente com êsses partidos. Na Itália, participam até mesmo de gabinetes monarquistas, deixando a questão institucional da forma do Estado para momentos mais "oportunos". Por conseguinte, negam o uso do método revolucionário para a conquista do poder político pelo proletariado, sancionando a necessidade da luta legal e parlamentar, à qual são subordinados todos os impulsos classistas do proletariado, para a conquista, por via pacífica e majoritária, do poder político. Postulam a participação em govêrnos de defesa nacional, impedindo tôda oposição aos govêrnos empenhados na guerra, como durante o primeiro ano do conflito mundial, quando tratavam de evitar a sabotagem aos govêrnos fascistas e, ainda mais, alimentavam o seu potencial bélico com o envio de mercadorias de

primeira necessidade.

O oportunismo segue seu funesto processo sacrificando ao inimigo de classe do proletariado, ao imperialismo, até mesmo formalmente, a Terceira Internacional, para "o ulterior reforço da frente única dos Aliados e das outras nações unidas". Confirmava-se, assim, a previsão histórica da Esquerda italiana, antecipada desde os primeiros anos de vida da Terceira Internacional. Era inevitável que o agigantamento do oportunismo no movimento operário levasse à liquidação de tôdas as reivindicações revolucionárias.

Poristo, a reconstituição da fôrça classista do proletariado mundial apresenta-se fortemente retardada e difícil, e exigirá um esfôrço maior que o das vezes anteriores.

21.- A influência contra-revolucionária sôbre o proletariado mundial, ampliada e aprofundada pela participação direta dos partidos oportunistas ao lado dos Estados vencedores do segundo conflito mundial, levou à ocupação militar dos países vencidos para impedir a sublevação das massas exploradas. Ocupação aceita e endossada, com finalidade contra-revolucionária, por todos os partidos que se dizem socialistas e comunistas, durante as conferências de Yalta e Teerã. Impedia-se, assim, tôda possibilidade séria de ataque revolucionário aos poderes burgueses, seja nos países vencedores aliados, como nos países vencidos. Assim, demonstrava-se totalmente justa a posição da Esquerda italiana que, definindo como imperialista a segunda guerra e contra-revolucionária a ocupação dos países vencidos, previa a absoluta impossibilidade de uma repentina retomada revolucionária.

22.- Em perfeita coerência com todo um passado cada vez mais abertamente contra-revolucionário, a Rússia e os partidos afiliados modernizaram a teoria da colaboração permanente entre as classes, postulando a coexistência pacífica no mundo entre Estados capitalistas e socialistas. Substituíram a luta entre os Estados pela emulação pacífica entre os Estados, enterrando mais uma vez a doutrina do marxismo revolucionário. Um Estado socialista, se não declara uma guerra santa aos Estados capitalistas, declara e mantem a guerra de classe no interior dos países burgueses, preparando, na teoria e na ação, os proletários para a insurreição e sendo, com isto, perfeitamente fiel ao programa dos partidos comunistas, os quais, não desdenhando manifestar abertamente as suas opiniões e intenções (Manifesto dos Comunistas, 1848), ensinam e preconizam a destruição violenta do poder burguês.

Portanto, os Estados e os partidos que, em vez de fazerem propaganda da absoluta incompatibilidade entre classes inimigas e da luta armada para a libertação do proletariado do jugo do capitalismo, sòmente sustentam a hipótese da "convivência" e da emulação entre Estados, não são, na realidade, nem Estados nem partidos revolucionários, e a sua

fraseologia mascara o conteúdo capitalista da sua estrutura.

A permanência desta ideologia no seio do proletariado representa um trágico obstáculo, sem a superação do qual não haverá retomada de classe.

23.- O oportunismo político da terceira vaga mostra-se mais abjeto e vergonhoso que os precedentes, e se banha na mais repugnante das águas: o pacifismo.

A alternação entre pacifismo e "partisanismo" esconde a tríplice reviravolta escandalosa na avaliação do capitalismo imperialista anglo-americano: imperialista em 1939, democrático e "libertador" do proletariado europeu em 1942, novamente imperialista hoje.

No que concerne o seu caráter reacionário e imperialista, o capitalismo americano mostrou possuir, mesmo se em menor proporção, uma poderosa vitalidade já na época da primeira guerra mundial imperialista, aspectos êstes muitas vezes ressaltados por Lênin e pela Terceira Internacional durante o glorioso período da luta revolucionária.

Explorando a atração que o pacifismo suscita nos proletários, o oportunismo exerce sôbre êstes uma influência capilar incontrastada, embora sendo evidente a sua inseparabilidade do pacifismo social.

A defesa da paz e da pátria, elementos propagandísticos comuns a todos os Estados e partidos que convivem na ONU -nova edição da Sociedade das Nações, sociedade de "bandoleiros", na definição de Lênin- constituem os princípios do oportunismo e repousam na colaboração de classe.

Os oportunistas de hoje em dia demonstram estar inteiramente fora do processo revolucionário e até mesmo abaixo dos utopistas Saint-Simon, Owen, Fourier e do próprio Proudhon.

O marxismo revolucionário rejeita o pacifismo como teoria e como meio de propaganda, subordinando a paz à destruição violenta do imperialismo mundial: não haverá paz enquanto todo o proletariado do mundo não for libertado da exploração burguesa. Além disso, denuncia o pacifismo como arma do inimigo de classe para desarmar os proletários e subtraí-los à influência da Revolução.

24.- Já tendo tornado proceder habitual unir-se aos partidos do imperialismo para com êles constituir govêrnos nacionais de "unidade nacional" entre as classes, o oportunismo stalinista realiza esta aspiração no organismo interestatal máximo, a ONU, declarando uma colaboração interclassista cada vez maior e ilimitada desde que seja evitada a

guerra entre os dois blocos imperialistas contendores e que os aparêlhos repressivos dos Estados sejam camuflados com uma vaga democracia e com o reformismo.

O stalinismo, lá onde domina incontrastado, realizou êste pressuposto inaugurando poderes nacionais em que figuram tôdas as classes sociais. Com tais poderes, pretende harmonizar os respectivos interêsses antagônicos, como o demonstra o bloco das quatro classes na China, onde o proletariado, longe de ter conquistado o poder político, sofre a incessante pressão do jovem capitalismo industrial, arcando com os custos da "Reconstrução Nacional", na mesma proporção que os proletários de todos os outros países do mundo.

O desarme das fôrças revolucionárias oferecido à burguesia pelos social-patriotas em 1914 e pelos ministerialistas à Millerand, Bissolati, Vandervelde, MacDonald & Cia., fustigados e batidos por Lênin e pela Internacional, empalidece ao ser confrontado com o colaboracionismo vergonhoso e descarado dos social-patriotas e dos ministerialistas de hoje em dia. A Esquerda italiana, do mesmo modo que se opunha ao "govêrno dos operários e dos camponeses", considerando-o ou como uma réplica da ditadura do proletariado, e poristo equívoco e pleonástico, ou diferente da ditadura do proletariado, e poristo inaceitável, ainda com maior razão rejeita a aberta teoria de colaboração de classes, mesmo que esta venha a ser colocada como condição tática transitória, reivindicando para o proletariado e para o partido de classe o monopólio incondicionado do Estado e dos seus órgãos, a sua ditadura de classe unitária e indivisível.

PARTE IV - AÇÃO DO PARTIDO NA ITÁLIA E OUTROS PAÍSES

1 - A história do capitalismo, desde o seu aparecimento, apresenta um desenvolvimento irregular com um ritmo periódico de crises que Marx estabelecia ser aproximadamente decenal, precedido de períodos de intenso e contínuo desenvolvimento.

As crises são inseparáveis do capitalismo que, todavia, não cessa de crescer, de ampliar-se e de inchar-se, enquanto as fôrças maduras da revolução não lhe assestam o golpe final. Paralelamente, a história do movimento proletário demonstra que, no curso do período capitalista, existem fases de grande pressão e avanço, fases de brusco e lento recuo devido à derrota e à degeneração, e fases de longa espera antes da retomada. A Comuna de Paris foi violentamente derrotada e a ela seguiu-se um período de relativo desenvolvimento pacífico do capitalismo, durante o qual foram geradas teorias revisionistas ou oportunistas, o que demonstra o recuo da revolução. A Revolução de Outubro foi derrotada através de uma lenta involução que culminou com a supressão violenta de seus artífices sobreviventes. Desde 1917, a revolução é a grande ausente e, ainda hoje, não parece ser iminente a retomada das fôrças revolucionárias.

2.- Apesar dêstes retôrnos, o tipo capitalista de produção se estende e se afirma em todos os países, sem ou quase sem interrupções no aspecto técnico e social. Por sua vez, as alternativas das fôrças de classe em choque estão ligadas às vicissitudes da luta histórica geral, ao antagonismo já potencial nos albores da dominação burguesa sôbre as classes feudais e pré-capitalistas e ao processo político evolutivo das duas classes históricas contendoras, burguesia e proletariado, processo êsse marcado por vitórias e derrotas, por êrros de método tático e estratégico. Os primeiros embates remontam a 1789, chegando até hoje através dos de 1848, 1871, 1905 e 1917, durante os quais a burguesia afiou as suas armas de luta contra o proletariado na mesma e crescente medida de seu desenvolvimento econômico.

Em contra-partida, o proletariado, frente ao ampliar-se e ao agigantar-se do capitalismo, nem sempre soube aplicar as suas energias de classe com sucesso, recaindo depois de cada derrota nas malhas do oportunismo e da traição, e permanecendo afastado da revolução por um período de tempo cada vez mais longo.

3.- O ciclo das lutas vitoriosas, das derrotas mesmo as mais desastrosas, e das ondas oportunistas em que o movimento revolucionário é submetido à influência da classe inimiga,

representam um vasto campo de experiências positivas através do qual desenvolve-se a maturidade da revolução.

As retomadas depois das derrotas são longas e difíceis. Nelas, o movimento, embora não apareça na superfície dos acontecimentos políticos, não rompe seu fio, mas continua, cristalizado numa vanguarda restrita, a exigência revolucionária de classe.

Períodos de depressão política:
- de 1848 a 1867, da segunda revolução de Paris à véspera da guerra franco-prussiana, período em que o movimento revolucionário encarna-se quase exclusivamente em Engels, Marx, e num círculo restrito de camaradas;
- de 1872 a 1889, da derrota da Comuna de Paris ao início das guerras coloniais e ao reabrir-se da crise capitalista que levará à guerra russo-japonesa e, depois, à primeira guerra mundial. Durante êste período de recomêço do movimento, a inteligência da Revolução é representada por Marx e Engels;
- de 1914 a 1918, período da primeira guerra mundial durante o qual desmorona a Segunda Internacional. Lênin, com outros camaradas de uns poucos países, leva adiante o movimento.

Com o ano de 1926, iniciou-se um outro período desfavorável da revolução durante o qual foi liquidada a vitória de Outubro. Sòmente a Esquerda italiana manteve intacta a teoria do marxismo revolucionário e só nela cristalizou-se a premissa da retomada de classe. Durante a segunda guerra mundial, as condições do movimento pioraram ainda mais, a guerra arrastando todo o proletariado ao serviço do imperialismo e do oportunismo stalinista.

Hoje, estamos no centro da depressão e não é concebível uma retomada do movimento revolucionário a não ser no decorrer de muitos anos. A longueza do período é proporcional à gravidade da vaga degenerativa, bem como à sempre maior concentração das fôrças adversas capitalistas. O stalinismo reúne as piores características das duas vagas oportunistas precedentes, paralelamente ao fato de que o processo de concentração capitalista é hoje muito mais superior que o imediatamente posterior à primeira guerra mundial.

4.- Hoje, na plenitude da depressão, embora sendo muito restritas as possibilidades de ação, o partido, seguindo a tradição revolucionária, não pretende romper a linha histórica da preparação de uma futura retomada maciça do movimento de classe, retomada que faça seus todos os resultados das experiências passadas. Da restrição da atividade prática não decorre a renúncia aos pressupostos revolucionários. O partido reconhece que a restrição de certos setores é quantitativamente acentuada, mas não muda, por causa disto, o conjunto dos aspectos da sua atividade, nem renuncia expressamente a êles.

5.- A atividade principal, hoje, é o restabelecimento da teoria do comunismo marxista. Estamos ainda na arma da crítica. Para isto, o partido não lançará nenhuma nova doutrina, reafirmando a plena validade das teses fundamentais do marxismo revolucionário, teses amplamente confirmadas pelos fatos e várias vezes pisoteadas e traídas pelo oportunismo para cobrir a retirada e a derrota.

A Esquerda italiana, do mesmo modo que sempre combateu todos os revisionistas e todos os oportunistas, denuncia e combate, hoje, como tais, os stalinistas.

O partido baseia a sua ação em posições anti-revisionistas. Lênin, desde seu aparecer na cena política, combateu o revisionismo de Bernstein e restaurou a linha de princípio, demolindo os pressupostos das duas revisões, a social-democrática e a social-patriótica. A Esquerda italiana denunciou os primeiros desvios táticos no seio da Terceira Internacional, desde o aparecimento dêstes, como sendo os primeiros sintomas de uma terceira revisão que hoje está plenamente delineada e que compreende em si os êrros das duas revisões precedentes.

Precisamente porque o proletariado é a última classe explorada e que, portanto, não sucederá a nenhuma classe na exploração de outras classes, a doutrina foi construída sôbre o nascer da classe e não pode ser mudada nem reformada.

O desenvolvimento do capitalismo, do seu nascimento até hoje, confirmou e confirma os teoremas do marxismo, tais como são enunciados nos textos. Tôda pretensa "inovação" ou "ensinamento" dêstes últimos trinta anos apenas confirma que o capitalismo ainda vive e que deve ser liquidado. Porisso, o ponto central da atual posição doutrinária do movimento é êste: nenhuma revisão dos princípios originários da revolução proletária.

6.- O partido realiza hoje um trabalho de registro científico dos fenômenos sociais, a fim de confirmar as teses fundamentais do marxismo. Analisa, confronta e comenta os fatos recentes e contemporâneos. Repudia a elaboração doutrinária que tende a fundar novas teorias ou a demonstrar a insuficiência da doutrina na explicação dos fenômenos.

Todo êste trabalho de demolição (Lênin:"Que fazer?") do oportunismo e do desviacionismo está hoje na base da atividade do partido, que segue, também nisto, a tradição e as experiências revolucionárias durante os períodos de refluxo revolucionário e de vicejar de teorias oportunistas, teorias estas que viram em Marx, Engels, Lênin e na Esquerda italiana seus violentos e inflexíveis oponentes.

7.- Com esta justa avaliação revolucionária das tarefas atuais, o partido, embora pouco numeroso e pouco ligado à

massa do proletariado e embora sempre zeloso da tarefa teórica como tarefa de primeiro plano, recusa, absolutamente, ser considerado como um círculo de pensadores ou de simples estudiosos à procura de novas verdades ou que tenham extraviado o verdadeiro de ontem por considerá-lo insuficiente.

Nenhum movimento pode triunfar na história sem a continuidade teórica, que é a experiência das lutas passadas. Disto decorre que o partido veta a liberdade pessoal de elaboração e de elucubração de novos esquemas e explicações do mundo social contemporâneo; veta a liberdade individual de análise, de crítica e de previsão, mesmo para o mais preparado intelectualmente dos aderentes, e defende a solidez de uma teoria que não é o efeito de uma cega fé, mas que é o conteúdo da ciência de classe proletária, construído com material secular, não pelo pensamento de homens, mas sim pela fôrça de fatos materiais refletidos na consciência histórica de uma classe revolucionária e cristalizados no seu partido. Os fatos materiais não fizeram senão confirmar a doutrina do marxismo revolucionário.

8.- O partido, apesar do número restrito de seus aderentes, fato determinado pelas condições nìtidamente contra-revolucionárias, não cessa o proselitismo e a propaganda dos seus princípios em tôdas as formas, orais e escritas, mesmo se suas reuniões têm poucos participantes e a sua imprensa limitada difusão. O partido considera a imprensa, na fase atual, a principal atividade, sendo ela um dos meios mais eficazes que a situação real permite empregar para indicar às massas a linha política a seguir, para uma difusão orgânica e mais ampla dos princípios do movimento revolucionário.

9.- Os acontecimentos, e não a vontade ou a decisão dos homens, determinam também o setor de penetração nas grandes massas, limitando-o a um pequeno ângulo da atividade total. Todavia, o partido não perde ocasião para entrar em tôda fratura, em tôda brecha, bem sabendo que a retomada não terá lugar enquanto êste setor não tiver sido grandemente ampliado e tornado dominante.

10.- A aceleração do processo deriva não só das causas sociais profundas das crises históricas, como também da obra de proselitismo e de propaganda com os reduzidos meios disponíveis. O partido exclui absolutamente que se possa estimular o processo com recursos, manobras, expedientes que se apoiem naqueles grupos, quadros, hierarquias que usurpam o nome de proletários, socialistas e comunistas. Êstes meios, que informaram a tática da Terceira Internacional no dia seguinte do desaparecimento de Lênin da vida política, não surtiram outro efeito que o da desagregação do Comintern como teoria organizativa e fôrça operante do movimento, deixando sempre um farrapo de partido no caminho do "expediente tático". Êstes métodos foram ressuscitados e revalorizados pelo movimento trotskysta e pela IV Internacional, que con-

sideram-nos, erradamente, como métodos comunistas.

Para acelerar a retomada de classe não existem receitas prontas. Para fazer ouvir a voz de classe aos proletários não existem manobras e expedientes que, como tais, não fariam o partido aparecer tal como êle verdadeiramente é, mas sim como uma desfiguração da sua função, com deterioração e prejuízo da efetiva retomada do movimento revolucionário, que se baseia na real maturidade dos fatos e da correspondente adequação do partido, a isto habilitado sòmente pela sua inflexibilidade doutrinária e política.

A Esquerda italiana sempre combateu o método de usar expedientes táticos para permanecer sempre à tona, denunciando-o como um desvio de princípio de forma alguma compatível com o determinismo marxista.

O partido, na linha das experiências passadas, se abstem portanto de fazer e aceitar convites, cartas abertas e palavras de ordem para comitês, frentes e acôrdos mistos com qualquer outro movimento e organização política.

11.- O partido não esconde que, em fase de retomada, êle não se reforçará de modo autônomo se não surgir uma forma de associacionismo econômico sindical das massas. O sindicato, embora nunca tenha estado livre de influências de classes inimigas e tenha funcionado como veículo de contínuos e profundos desvios e deformações, embora não seja um instrumento revolucionário específico, é, todavia, objeto de interêsse do partido, o qual não renuncia voluntàriamente a trabalhar no seu interior, distinguindo-se nìtidamente de todos os outros agrupamentos políticos. O partido reconhece que, hoje, só pode fazer um trabalho sindical de modo esporádico. No entanto, desde que a relação numérica concreta entre seus membros, seus simpatizantes e os trabalhadores organizados num dado corpo sindical se torne considerável, e desde que tal sindicato não tenha excluído a última possibilidade virtual e estatutária de atividade autônoma classista, o partido efetuará a penetração e tentará a conquista da direção dêste sindicato.

12.- O partido não é uma filiação da Fração Abstencionista, embora esta fração tenha desempenhado importante papel no movimento até a criação do Partido Comunista da Itália, em Livórnio em 1921. A oposição no seio do Partido Comunista da Itália e da Internacional Comunista não se fundou sôbre as teses do abstencionismo, mas sim sôbre questões de fundo outras. O parlamentarismo, seguindo o desenvolvimento do Estado capitalista, que assumirá manifestamente a forma de ditadura que o marxismo nêle descobriu desde o início, vai perdendo progressivamente a importância. Também as aparentes sobrevivências das instituições eleitorais parlamentares das burguesias tradicionais vão se exaurindo cada vez mais, restando sòmente uma fraseologia e pondo em evidência, nos mo-

mentos de crise social, a forma ditatorial do Estado como última instância do capitalismo, contra a qual deve se exercer a violência do proletariado revolucionário. O partido, portanto, permanecendo êste estado de coisas e as atuais relações de fôrça, se desinteressa das eleições democráticas de todo tipo e não desenvolve,em tal campo, a sua atividade.

13.- Baseando-se num dado de experiência revolucionária (que as gerações revolucionárias se sucedem ràpidamente e que o culto dos indivíduos é um aspecto perigoso do oportunismo, dado que a passagem dos velhos dirigentes, por desgaste, ao inimigo e às tendências reformistas é fato natural confirmado pelas raras exceções), o partido dá a máxima atenção aos jovens e faz, para recrutá-los e prepará-los para a atividade política, o maior dos esforços, repelindo enèrgicamente todo arrivismo e apologismo de pessoas.

No ambiente histórico atual, de alto potencial contra-revolucionário, impõe-se a criação de jovens elementos dirigentes que garantam a continuidade da Revolução. A contribuição de uma nova geração revolucionária é condição necessária para a retomada do movimento.